O ESTUDO DO LUGAR NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

HELENA COPETTI CALLAI
Pesquisadora CNPq - Professora da UNIJUI - helena@unijui.edu.br

LANA DE SOUZA CAVALCANTI
Pesquisadora CNPq - Professora da UFG

SONIA MARIA VANZELLA CASTELLAR
Pesquisadora FAPESP - Professora da USP - smvc@usp.br

Resumo: O texto aborda o processo de ensino e de aprendizagem nos anos iniciais assumindo a posição de uma prática de ensino mais dinâmica para que o aluno possa não só dar significado ao que está sendo ensinado, mas, também, compreenda a realidade. Entendemos que tal postura implica uma concepção que reconheça o aluno como sujeito da sua aprendizagem e, ainda, motive - o a superar os conhecimentos espontâneos por meio de novos conhecimentos que articulados possam ser reelaborados dando significação ao conteúdo desenvolvido em sala de aula. A análise apresentada neste artigo está fundamentada no fato que a criança constrói o conceito de lugar por meio do contato direto com o objeto o que significa não apenas o que está próximo e concreto, mas o que pode (também) ser distante e concreto. É importante ter claro que a realidade é construída pelos homens na relação com o trabalho, com a sociedade, considerando que há conflitos e contradições no cotidiano. A geografia contribui para entender o real e, na perspectiva geográfica pode passar pelo estudo do lugar e do espaço vivido, percebido e concebido do ponto de vista das relações sociais, das ocupações e da construção dos espaços geográficos tendo como referência os processos históricos e o meio físico, considerando os diferentes tempos e grupos sociais. O desafio é como proceder para realizar esta tarefa, por isso o texto apresenta resultados de pesquisa onde se pode constatar como acontece este aprendizado atualmente.
Palavras chave: geografia - espaço - lugar - anos iniciais

Resumen: El texto aborda el proceso de enseñanza y de aprendizaje en los años iniciales asumiendo la posición de una práctica de enseñanza más dinámica para que el alumno pueda no sólo dar significado a lo que está siendo enseñado, sino que también, comprenda la realidad. Entendemos que tal postura implica una concepción que reconozca al alumno como sujeto

de su aprendizaje y, también, motive - la superación de los conocimientos espontáneos por medio de nuevos conocimientos que articulados puedan ser reelaborados dando significación al contenido desarrollado en la sala de aula. El análisis presentado en este artículo está fundamentado en el hecho que los niños construyen el concepto de lugar por medio del contacto directo con el objeto lo que significa no apenas lo que está próximo y concreto, mas lo que puede (también) ser distante y concreto. Es importante tener claro que la realidad es construida por los hombres en relación con el trabajo, con la sociedad, considerando que hay conflictos y contradicciones en lo cotidiano. La geografía contribuye para entender lo real y, en la perspectiva geográfica puede pasar por el estudio del lugar y del espacio vivido, percibido y concebido del punto de vista de las relaciones sociales, de las ocupaciones y de la construcción de los espacios geográficos teniendo como referencia los procesos históricos y el medio físico, considerando los diferentes tiempos y grupos sociales. El desafío es como proceder para realizar esta tarea, por eso el texto presenta resultados de investigaciones donde se puede constatar como acontece este aprendizaje actualmente.
Palabras clave: geografía- espacio–lugar- años iniciales.

Abstracts: The text approach is the process of teaching and learning in the early years assuming the position of a teaching practice more dynamic so that the student can not only give meaning to what is being taught, but also understands the reality. We believe that such a stance implies a concept that recognizes students as subjects of their learning and also motivate the knowledge spontaneous overcome through new knowledge that can be articulated reworked giving meaning to the content developed in the classroom. The analysis presented in this article is based on the fact that the child constructs the concept of place through direct contact with the object which means not only what is near and concrete, but what can (also) be distant and concrete. It is important to be clear that reality is constructed by men in relation to work with the company, considering that there are conflicts and contradictions in everyday life. Geography helps to understand the real and the geographic perspective can pass through the study of place and space lived, perceived and conceived in terms of social relationships, occupations and geographic areas of the building with reference to historical processes and the environment physical, considering the different ages and social groups. The challenge is how to accomplish this task, so the text presents research results where you can see how this learning takes place today.
Keywords: geography-space-place-early years

INTRODUÇÃO

Estudar Geografia é uma oportunidade para entendermos o mundo em que vivemos, visto que essa disciplina refere-se às ações humanas construídas

em diferentes sociedades e lugares. Seu estudo permite compreendê-las do ponto de vista das relações sociais, das ocupações e da construção dos espaços geográficos tendo como referência os processos históricos e o meio físico, considerando os diferentes tempos e grupos sociais.

Nos primeiros anos do ensino fundamental devemos considerar como as crianças podem perceber e observar os seus lugares de vivência, isso significa que é interessante estudar o real, a realidade com elas, mas sem desconsiderar que faz parte do universo infantil o imaginário e o simbólico. Esse universo contribui para entender o real e, na perspectiva geográfica pode passar pelo estudo do lugar e do espaço vivido, percebido e concebido. A análise que faremos neste artigo está fundamentada no fato que a criança constrói o conceito de lugar por meio do contato direto com o objeto o que significa não apenas o que está próximo e concreto, mas o que pode ser distante e concreto, como, por exemplo, perceber o local de moradia e criar nele a casa do dinossauro.

Entretanto, temos que ter claro que a realidade é construída pelos homens na relação com o trabalho, com a sociedade, considerando que há conflitos e contradições no cotidiano.

É neste contexto que iremos tratar do processo de ensino e de aprendizagem nos anos iniciais e, por isso, assumimos uma posição de uma prática de ensino mais dinâmica para que o aluno possa não só dar significado ao que está sendo ensinado, mas, também, compreenda a realidade. Dar significado ao conhecimento escolar implica uma concepção que reconheça o aluno como sujeito da sua aprendizagem e, ainda, motive o aluno a superar os conhecimentos espontâneos por meio de novos conhecimentos que articulados possam ser reelaborados pelos alunos dando significação ao conteúdo desenvolvido em sala de aula.

O ENSINO DA GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS

O processo de alfabetização em geografia, nos primeiros anos de escolarização ou na educação infantil, começa no momento em que as crianças reconhecem lugares e identificam objetos e fenômenos organizados em espaços vividos, concebido e percebidos. Entendemos que a alfabetização não se trata apenas da linguagem ou da matemática, mas também da geografia, estimulando, portanto por meio da educação geográfica o raciocínio espacial. O raciocínio espacial nas crianças pode ocorrer por meio de estratégias de ensino que proponham a localização de símbolos em espaços conhecidos ou que identifiquem, como, por exemplo, no mapa, lugares de tamanhos diferentes

(grande ou pequeno), distância (perto ou longe), e localizem lugares com cores e símbolos que estimulem noções como hierarquização espacial.

Nesta perspectiva ao se trabalhar com o lugar de vivência das crianças, possibilitamos articulações com as relações familiares da criança e com outras que são vivenciadas socialmente, estimulando estudos comparativos com situações familiares de culturas diferentes. As crianças podem por meio das atividades de pesquisa identificar diferentes lugares com traços do passado e do presente e, ainda, articulando com as situações vividas e hábitos culturais já observados em culturas diferentes da sua. Daí se concretiza a relação espaço-tempo, sociedade-natureza, tendo a linguagem cartográfica como procedimento que materializa o espaço vivido por meio dos mapas mentais ou trajetos dos lugares vivenciados pelas crianças.

O processo de aprendizagem se dará de maneira mais significativa para a criança. A noção de *tempo*, por exemplo, *longa e curta* duração ao se tratar de presente e passado será mais compreendida e assimilada. A noção de tempo é formada passo a passo, por meio das vivências das crianças e de atividades que trabalhem com os conceitos de simultaneidade e periodização a partir de contextos vivenciados por elas. As relações sociais, no entanto, serão percebidas se as noções *lugar e localização* forem exploradas no próprio cotidiano da criança. Assim, é fundamental estimular o aluno a observar, perceber e representar essas relações nos lugares de vivência. Portanto, é importante deixar claro que os conceitos de *lugar e tempo* são importantes de serem tratados nas aulas de Geografia. Essa ideia também discutida pelo Prof. Phill Gersmehl e Carol Gersmeh (2011) na pesquisa realizada em Nova Iorque, em uma escola do Halem, mostrou que a influencia espacial e a capacidade de reconhecer o que é espaço próximo e espaço distante para uma finalidade específica a criança por meio de descrição verbal e jogos anos iniciais são capazes de identificar lugares no mapa e traçar linhas das áreas do entorno de sua moradias e escola. Isso significa que por meio da localização e do lugar podemos iniciar várias conversas com as crianças, incluindo, ainda, o conceito de região.

O raciocínio espacial e a conceitualização do fenômeno estimula a capacidade de generalização na construção do conceito, ou seja, de identificar o sentido do conceito para alem das características materiais e funcionais do objeto. Nas palavras de Luria (1990:66) deve-se notar que o pensamento categorial é geralmente bastante flexível; os sujeitos passam prontamente de um atributo a outro e constroem categorias adequadas. Classificam objetos pela substância (animais, flores, ferramentas), pelo material (madeira, metal e vidro), pelo tamanho (grande pequeno) pela cor (claro, escuro) ou por outra propriedade.

A capacidade de se mover livremente, de mudar de uma categoria para outra é uma das características principais do pensamento abstrato ou do comportamento categorial essencial a ele.

A capacidade de raciocínio está também articulada com a capacidade de generalizar e, por isso que consideramos que o espaço do cotidiano possui um valor didático relevante como objeto de aprendizagem e, conseqüentemente a escala espacial e temporal. Isso porque ao se aproximar a reflexão sobre a realidade vivenciada ou conhecida pelo aluno na aula facilita a integração da experiência diária em um raciocínio mais abstrato o qual se pode realizar por meio do domínio da linguagem, do pensamento simbólico e da representação espacial.

Nesse contexto, não podemos deixar de optar por uma participação ativa das crianças na construção do seu conhecimento, pois reforça a ideia que elas reconstruam o seu conhecimento prévio, mas, ainda, que ao observar e identificar o entorno do lugar de vivência reelabore suas ideias (conhecimento espontâneo) e consiga raciocinar, estabelecendo classificações, relacionando, comparando, analisando, enfim pensando de maneira investigativa a partir da mediação do professor e de um conteúdo escolar que tenha significado.

Nessa perspectiva, é condição para a ocorrência de uma aprendizagem significativa não só o modo como o aluno será ensinado (como ocorrerá o ensino) e como ele aprenderá (aprendizagem), pois implica como o conteúdo estará organizado. Uma proposta didática que contribua para desenvolver o raciocínio dos alunos, integrando as várias áreas do conhecimento e uma análise mais critica da realidade é o que estamos buscando. Assim, o professor poderá avaliar o nível de compreensão que os alunos possuem dos conceitos que estão sendo tratados em sala de aula, estabelecendo conexões entre os diferentes lugares e tempos, bem como as percepções dos alunos em relações a realidade vivenciada.

Para ocorrer aprendizagem, desde a educação infantil e anos iniciais, é importante que se construa em sala de aula uma relação estimuladora da crítica, mediada por outros saberes anteriormente construídos e que durante as aulas considere as representações que os alunos têm da realidade (conhecimento prévio sobre as coisas do lugar próximo, mas também de situações e experiências que possam estar distantes, mas que são parte das suas vidas) na qual vivem, colocando em jogo as várias concepções dos objetos em estudo para que as crianças construam seus olhares geográficos por meio de imagens, mapas e brincadeiras. Neste contexto, ao se ensinar Geografia nos ocupamos em analisar a realidade, a forma como ocorrem as interações entre a sociedade e a natureza e, as relações decorrentes das ações humanas e dos diversos momentos históricos.

O ESTUDO DO LUGAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS

Desde os primeiros anos da educação básica o ensino da geografia aparece timidamente no currículo escolar tratando os conteúdos isoladamente sem contextualização. Ao escolhermos o conceito de lugar na educação infantil e nos anos iniciais entendemos que é importante para a criança conhecer os espaços de vivência bem como inicie a construção de conceitos que estruturam a Geografia escolar como grupo social, espaço e tempo que pode ser o caminho para fazer a iniciação dos alunos na analise critica do espaço cotidiano em que vivem suas vidas.

No contexto analisado os conceitos como a *localização e lugar* são importantes, pois permitem aos alunos iniciarem a construção das noções de espaço e de cotidiano. A partir de experiências que estimulem o entendimento de situações do cotidiano bem como os fenômenos espaciais do mundo que os rodeia, desde os mais simples (o local de vivência) até os mais complexos (relações geopolíticas entre os países). Isso significa não tratar os conteúdos estruturados na idéia/proposição dos círculos concêntricos – do mais próximo ao mais distante, mas tratar simultaneamente diferentes lugares localizados em diferentes escalas de análise (local, regional e global), e, ainda, reforçar a ideia da maneira como a sociedade se organiza para o trabalho, como constrói os lugares, as mudanças que fazem nas paisagens a partir do seu fazer cotidiano em sua historia que está sendo vivida. Postos em prática esses pressupostos podem levar à formação da consciência crítica cidadã.

A Geografia nos leva a conhecer e compreender o mundo da vida – esse mundo próximo de nós, mas também o que está distante, que é trazido a nós no dia-a-dia pela informação ou por interesses particulares ou sociais, quer dizer pela compreensão dos fenômenos que atuam direta ou indiretamente na vida das pessoas.

Esse "conhecer o mundo" significa entender o que está acontecendo ao nosso redor, encontrar as explicações, os motivos desses acontecimentos. E, já nos anos iniciais do ensino fundamental, a criança dá início ao processo de sistematização e organização de um conhecimento que é do dia-a-dia e nesse momento o professor é desafiado a propor situações de aprendizagem que tenham a ver com a realidade concreta da vida. Mas o professor precisa ter as referências teóricas que sustentam a sua interpretação e que permitam fazer com que o aluno reconheça os fenômenos como construídos social e historicamente, e que assim constroem o espaço em que vivemos.

Pode ter início, então, a atividade de pesquisa para a construção do

conhecimento pelo aluno. É um processo que envolve os alunos e o professor na busca de respostas para os problemas da vivência diária. É uma forma de organização de aprendizagem e, nas aulas de Geografia, o motivo para desencadear o aprendizado é o estudo do lugar.

O conceito de lugar, na Geografia, é muito usado, pois expressa a dimensão espacial, que se traduz pela organização do território. E, o território que está mais perto do aluno é o que vai despertar-lhe mais interesse. Mas é preciso ficar bem claro que estar "perto" não quer dizer única e exclusivamente estar fisicamente próximo. Pelo contrário, a noção de espaço em questão não é a de espaço absoluto, mas de espaço relativo. "Relativo" significa que se aproximam mesmo espaços fisicamente distantes se existirem motivos pra isso. Esses motivos são ligações de ordens econômica, social, cultural e afetiva. É a escala de análise que supõe os níveis local, nacional e mundial.

A ideia de lugar de vivência aproxima-se também a de pertencimento, é herdeira da história dos objetos e das pessoas os quais dão significado e confundem-se com a história do lugar e de seus habitantes. O lugar é, portanto, entendido a partir da relação nodal – que estabelece com outros lugares e com os objetos que marcam sua paisagem – e da relação de pertencimento – que estabelece com as pessoas que vivem e convivem nele.

Neste contexto, articularemos a concepção de lugar de vivência à de cidade, entendendo que a vida cotidiana transcorre nas redes organizadas e nos itinerários da cidade e, ainda, que as mudanças culturais produzidas pelas raízes do local ou pela globalização da sociedade, da informação e do consumo constituem um dos elementos mais significativos da organização da vida urbana.

Relacionar a cidade ao lugar remete à identidade relacionada ao território. A consciência de pertencimento a uma cidade é um fator simbólico do espaço urbano, que pode ser construído pelos processos orgânicos das comunidades que habitam determinado lugar. Do ponto de vista da representação dos lugares as crianças podem traçar um caminho, elaborar um trajeto de um percurso, neste caso o mais importante é a criança desenhar com coerência o real. Ao desenhar a criança pode ser estimulada a investigar e a organizar a realidade, mas, também, incluir lugares imaginários.

A partir do estudo proposto, a criança entende o significado do lugar de vivência, do pertencimento, reflete sobre padrões de segregação na gestão dos problemas urbanos – sejam eles de que natureza forem –, associa fenômenos ambientais à gestão de recursos naturais (água, esgoto, saneamento, emissão de poluentes etc.), de preferência comparando sua realidade com outras, ou seja, analisa o lugar em diferentes escalas geográficas. As relações mais

individualizadas das crianças com o lugar em que vivem, são trabalhadas através das características do lugar em que vivem e suas condições (moradias, infraestrutura, locais de lazer, áreas verdes, a relação entre as pessoas, etc.), tecendo considerações acerca dos vínculos familiares e que a criança estabelece entre seu cotidiano e o espaço vivido. Esse estudo proporciona as crianças a serem estimuladas a estabelecer nexos entre o conceito de lugar e outros para organizar uma rede conceitual como, por exemplo, localização, distância, distribuição, posição e escala.

O lugar que é um conceito e, ao mesmo tempo, conteúdo Geográfico, pode ser o município, no seu todo ou considerado pelos aspectos que sejam significativos para as crianças. Não é um estudo de transmissão de informações, mas de investigação, um esforço por entender o que existe e o que está acontecendo no lugar. Nesse sentido estudar São Paulo (uma das maiores metrópoles do mundo) e Ijui (uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, com menos de 200 mil habitantes e próxima das fronteiras brasileiras com Uruguai e com Argentina) tem uma caminho metodológico que se diferencia nos detalhes, mas teoricamente assumem a mesma conotação- que é do Lugar.

Ao assumir um estudo investigativo para que as crianças possam compreender a realidade em que se vivem assumimos a superação da transmissão da informação, dando significado ao lugar de vivência estabelecendo relações com outros. Porém, para que isso aconteça é fundamental que o professor tenha clareza teórica para explicar o mundo e não esquecer de que o município (e a cidade) é um lugar no mundo.

O propósito do ensino de geografia é começarmos desde a educação infantil e anos iniciais motivar o olhar das crianças para os lugares de vivência dela e relacionar com outros para que elas possam comparar e relacionar características semelhantes ou diferentes em várias escalas de análises (local, regional, global). Além da noção espacial – vivido, concebido e percebido – se faz necessário destacar a relevância da noção de tempo que está relacionada com as experiências das crianças vivenciadas e as abstratas, formadas a partir das representações mentais e das observações diárias.

Ao tratar desses conceitos – lugar, cidade – permitimos que as crianças desenvolvam o raciocínio espacial por meio das noções de orientação (lateralidade), posição (ponto de referência, simultaneidade), duração (sucessão, passado e presente, curta e longa) e ritmos (freqüência). A importância de se eleger a escala de análise espaço-temporal e depois reelaborá-las se baseia no fato de considerar que as ações didáticas são relevantes para as mudanças conceituais ou ressignificação do conhecimento escolar.

Dessa maneira propomos um tema que poderia contribuir para o trabalho com as crianças, por exemplo, *como nos organizamos no mundo*. Esse pode ser um tema de projeto que seria tratado pelo currículo escolar para integrá-lo. Com essa temática podemos tratar desde o local de vivência até outros lugares no mundo; tratar das divisões regionais no Brasil e no Mundo e do município. Enfim, todas as formas de organização espacial e social.

Diante disso, o município passa a ser um conteúdo significativo, para o ensino de Geografia, pois passa a ser importante e necessário para a criança, na medida em que está desenvolvendo o processo de conhecimento e de crítica da realidade em que está vivendo. Ali estão o espaço e o tempo delimitados, permitindo que se faça a análise de todos os aspectos da complexidade do lugar [...] É uma escala de análise que permite que tenhamos próximos de nós todos aqueles elementos que expressam as condições sociais, econômicas, políticas de nosso mundo. É uma totalidade considerada no seu conjunto, de todos os elementos ali existentes, mas que, como tal não pode perder de vista a dimensão de outras escalas de análise. (Callai, Zarth, 1988 p. 11)

O município (no seu todo ou em partes- bairros, zona urbana, áreas delimitadas por algum motivo explicitado) passa a ser, então, o lugar que para a Geografia interessa-nos estudar. É claro que é um conteúdo não exclusivamente da Geografia e, além disso, é assunto que pode ser trabalhado em todas as séries, dependendo de que tema esteja sendo tratado. Mas é nas séries iniciais do ensino fundamental que é imprescindível o estudo. Nesse nível de ensino pensamos que as questões podem ser tratadas de um modo mais integrado mostrando como é realmente a vida e não apenas com informações parciais e segmentadas que fragmentam a realidade dos lugares e que dificultam o entendimento do que acontece no cotidiano das vidas dos sujeitos.

Assim entendemos que o estudo do lugar em que vive deve ocorrer desde as séries iniciais, juntamente com o processo de alfabetização. Aprender a ler e a escrever o mundo significa alfabetizar a partir de um projeto que considere a realidade, assim o ensino da Geografia dá ao aluno a oportunidade de conhecer de modo mais sistemático o lugar em que vive e relacionar com outros, construindo os conceitos necessários tanto para aprendizagens futuras como para a sua vida.

Nesta perspectiva, por exemplo, no 1o ano, podemos explorar jogos e brincadeiras, como projetos que podem ser interdisciplinar. Do ponto de vista da criança entendemos que o brinquedo e as brincadeiras permitem que os alunos dêem significado para as ações que estão vivenciando, criando situações imaginárias independente dos objetos, contribuindo inclusive com o processo de compreensão conceitual. Do ponto de vista do professor significa que essa

proposta procura estabelecer uma articulação entre a realidade local e a autonomia do professor em planejar e preparar suas aulas considerando o contexto escolar e, objetivos de aprendizagem, selecionando o desenho curricular.

As propostas apresentadas ao longo desde artigo em relação aos lugares de vivência ao mesmo tempo remetem para o próximo vivido e, também, com outros lugares de várias regiões do Brasil e do Mundo – às vezes não conhecido – o espaço concebido. Além da localização podemos considerar as diferenças entre o modo de vida, de trabalho, de convivência que caracteriza, por exemplo, na cidade, com as semelhanças e diferenças que os alunos vão construindo suas histórias e compreendendo as dinâmicas que envolvem as relações sociais e as paisagens no estudo da geografia.

Ao partimos da idéia que a aprendizagem deve ser concebida como um processo que requer tempo para que o aluno realize progressivas organizações conceituais, desenvolvidas a partir da leitura de mundo e do lugar de vivência. As situações de aprendizagem elaboradas levam em consideração as explicações conceituais, pois entendemos que as noções e conceitos constituem instrumentos básicos para o trabalho intelectual.

Neste sentido, consideramos que as crianças constantemente devem ordenar, reelaborar, relacionar e hierarquizar os conceitos, ou seja, é um processo no qual devem ser estimuladas a pensar, a reelaborar seus pensamentos, questioná-los e pensar novamente.... deve-se compreender como um processo de construção do conhecimento, um trabalho de reelaboração conceitual a partir da realidade em que vive.

Esta perspectiva de aprendizagem permite a criança construir novas estratégias para elaborar conceitos e, a partir deles, fazer generalizações que sustentem suas idéias e os motive para reelaborá-las, na medida em que dinamiza os processos de pensamento o que permitirá sua relação com o espaço geográfico, a elaboração de conceitos geográficos fazendo com que os fenômenos objetos de estudo da Geografia se incorporem ao cotidiano do aluno e dêem sentido nas diversas relações que ele tem com o mundo.

Desta forma o conteúdo geográfico na educação infantil e anos iniciais deve ser pensada de forma a tratar as categorias de lugar, paisagem, natureza, sociedade, região, tempo e território, a fim de dar subsídios à elas para compreenderem a realidade que as cerca, garantindo uma aprendizagem significativa. O que permite as crianças localizarem os fenômenos compreendendo-os conforme suas relações espaciais, dando significado aos diferentes lugares e estabelecendo as relações desses com seu cotidiano, por exemplo, em relação aos fenômenos observados na realidade. O uso de mapas e de elaboração faz sentido

desde a educação infantil para que as crianças possam reconhecer os fenômenos e objetos presentes nos lugares como parques, praças, ruas e moradias.

A PESQUISA E A IMPORTÂNCIA DO CONCEITO DE LUGAR

Em pesquisas sobre a temática realizada tanto com alunos das series iniciais como com seus professores aparece o mesmo tipo de problema. Espaço é o espaço físico, e a geografia é aquela que estuda as paisagens, os dados da natureza; tempo é o do relógio é o da duração da aula e do recreio e grupo é um conjunto de pessoas, tudo abstrato, neutro. Falta a dimensão política que queremos ter presente e que a nós interessa para formação cidadã, sendo que a geografia pode fornecer as ferramentas intelectuais para entendimento do mundo em sua complexidade.

Em pesquisa realizada com alunos de mestrado em educação numa disciplina pode-se constar a dificuldade de expressão sobre estes conceitos tanto do ponto de vista do desenhar como de escrever sobre os mesmos. De outro modo percebeu-se também o desconhecimento de quanto podem ser importantes estes conceitos para a significação da aprendizagem. Como dados importantes é adequado informar o nome da disciplina- "Espaço e tempo na Pesquisa em Educação" quais são os sujeitos envolvidos são professores em formação, nos cursos de pedagogia e licenciatura. A metodologia utilizada e os resultados são apresentados a seguir:

1. Foi solicitado no primeiro dia da aula que cada um representasse em imagem um lugar importante para suas vidas.
2. A seguir a foi questionado sobre qual o entendimento que cada um tem dos conceitos de ESPAÇO e de TEMPO e que junto com o desenho escrevessem algo que pudesse mostrar o seu entendimento;
3. No decorrer do semestre foram realizadas leituras e discussões sobre os conceitos interligando com a temática de formação de cada um dos sujeitos;
4. Foi realizada a leitura de duas obras básicas e discutidas no grande grupo;
5. Cada sujeito escolheu diante da oferta de bibliografia as leituras de obras que abordam os conceitos e que sejam significativos para a temática de sua pesquisa e formação;
6. As aulas aconteceram no decorrer do primeiro semestre de 2011 e foram discutidas as questões por todo o grupo;
7. Ao final do semestre os trabalhos feitos no primeiro dia de aula foram

entregues a cada sujeito que verificou o que havia apresentado no inicio e como faria naquele momento a critica e a nova apresentação do desenho e do texto.

8. A partir daí foram elaborados artigos que apresentam os conceitos considerando a temática de sua atuação;
9. Depois disso foram feitos trabalhos de leitura critica por dois colegas para cada texto, que foram discutidos e elaborados os artigos que compõe o livro citado.

A representação realizada na primeira etapa da pesquisa mostrou que os estudantes universitários tinham dificuldade em desenhar o lugar importante para eles. A partir da leitura dos desenhos podemos inferir que há dificuldade em compreender a noção de escala, na medida em que pudemos identificar que na delimitação da área do lugar não se considerou a proporcionalidade área versus tamanho da folha, nem indicava orientação e, nem mostrava a localização. Enfim, percebemos que não há compreensão dos símbolos cartográficos, muito embora todos tenham passado pelas aulas de geografia na educação básica.

Ao escreverem sobre o entendimento dos conceitos de espaço e de tempo prevalece a idéia de espaço e tempo absoluto – que vale apenas pelo conteúdo que apresentam. Ao compararmos o desenho com a escrita notamos que muitas idéias não apresentadas na primeira atividade conseguiram demonstrar as concepções de espaço e tempo presentes nos textos a seguir:

Espaço é lugar" foi a afirmação mais recorrente e para a definição de tempo o mais presente foi *"é difícil de definir"*. A dificuldade de apresentar as idéias sobre espaço e tempo nos deixa uma pergunta por que os estudantes universitários, que na maioria são docentes formadores de outros professores nos cursos de licenciatura em especial e, outros docentes que atuam na escola básica não possuem clareza dos conceitos espaço e tempo? Outras perguntas nos mobilizam a partir dos dados da pesquisa se os professores têm dificuldade em tratar dos conceitos com seus alunos como poderiam realizar estudos sobre eles?

A seguir um quadro com a sistematização dos resultados da pesquisa sobre os conceitos de LUGAR - ESPAÇO - TEMPO

LUGAR	ESPAÇO	TEMPO
Espaço que pode ser físico ou geográfico	é um lugar/ligação com o tempo	Momento de uma ação
Um lugar/uma paisagem	É um ambiente	Momento que as coisas acontecem que pode ser passado, presente e futuro
Lugar onde atuo, de onde vêm as minhas concepções de mundo.	É um local	Controla a nossa vida
É onde a vida acontece, se desenvolve, onde há relações, disputas por ele seja como espaço fisco ou geográfico	É um lugar ocupado por um grupo de sujeitos	Período no qual os fatos acontecem: dia, noite, horas, anos, passado, presente, futuro
	É o lugar (o espaço físico) onde o homem e a natureza convivem	Tempo das coisas que já aconteceram, que estão acontecendo ou que vão acontecer
	É o local onde acontecem determinados fatos, onde convivem pessoas e grupos sociais.	
	Lugares	

Fonte: pesquisa direta 2011.

Percebe-se que ao sugerir que pensem sobre os lugares e considerem os conceitos de espaço e tempo as respostas dadas estão fundamentadas no senso comum. O conceito de lugar é o mais apresentado e nos faz crer que é por causa da condição de espaço físico-lugar ocupado. Outras respostas mostram falta de compreensão dos conceitos.

- Para mim pensar no conceito de lugar nunca foi considerado, pois cada um ocupa um lugar que lhe é dado.

- Pensar em tempo é pensar na falta de tempo que temos para fazer tudo que queremos e precisamos.

-Espaço era para mim um lugar e pronto, não tinha nada a dizer sobre o conceito.

Em pesquisas realizadas com estudantes de series iniciais a professora solicita que seja feito o desenho do trajeto de casa até a escola. Entendemos que essa atividade exige um conjunto de procedimentos para que seja realizada de modo a dar conta de fazer a pesquisa para aprender os conteúdos geográficos. Além disso, ao trabalhar com os conceitos cartográficos estamos iniciando a construção do raciocínio espacial e de uma leitura crítica do mundo em que vive. A alfabetização cartográfica por meio de desenhos dos trajetos dos percursos de vários lugares e das observações que podem ser realizadas possibilita aos professores fazer trabalho de campo e utilizar diferentes gêneros textuais, contribuindo com o processo de alfabetização em diferentes áreas do currículo escolar. Para analisarmos as ações docentes ao desenvolver atividades cartográficas são passos necessários:

1. Estabelecer os objetivos para realização da atividade que é desenhar o trajeto de diferentes percursos e lugares conhecidos das crianças;
2. Fazer o trajeto observando tudo o que existe, anotando o que é visível: as formas aparentes, as construções, a vegetação, o tipo de via de carros, de pedestres...
3. Em seguida, descrever em roda de conversa o que eles observaram e comentá-las se necessário utilizar mapas, documentos, imagens.
4. Fazer o registro, como o desenho do trajeto mostrando exatamente o que existe,
5. Retomar o desenho indicando a localização dos lugares, a direção deles e organizar uma legenda.

Feito o trajeto deve-se fazer a analise do que foi representado, seguindo os passos:

1. O que é marcante no trajeto apresentado que as crianças fazem, o que pode indicar a condição das pessoas que ali vivem;
2. Pode-se indicar os lugares e notar se a criança consegue localizar, desenha utilizando a linha de base, se organiza a legenda, se há proporção nos objetos colocados no desenho e se a visão é vertical, frontal ou oblíqua (alfabetização cartográfica);
3. Do ponto de vista mais subjetivo ainda podemos verificar se as crianças ao colocarem os lugares onde freqüentam e consomem possuem acesso ou não aos bens existentes.

A partir do trajeto ainda podemos desenvolver atividades com textos literários ou com histórias contatas pelas crianças a partir dos lugares que elas conhecem.

Durante a pesquisa observamos este trabalho realizado com o segundo ano que estava no currículo da escola. Entretanto essas atividades muitas vezes não acontecem porque os professores dizem que não tem tempo para realizá--los e, por isso, tivemos dificuldade em encaminhar as atividades. Durante as observações notamos que:

ATIVIDADE	MOTIVO QUE LEVOU A SER FEITO COMO FOI
Percorrer o trajeto	Os alunos deveriam fazer em período externo a aula e não fizeram corretamente
Observação	Para os pequenos a professora teria que acompanhar em período da aula e não havia tempo; para os maiores não houve um tempo de explicação/ orientação que lhes permitisse fazerem por sua conta
Representação	O desconhecimento dos elementos necessários para fazer a representação é justificado pela falta de tempo, pela dificuldade do professor trabalhar com estes aspectos.
Resultado do trabalho	Vários motivos impediram que fosse realizada uma atividade com critérios rigorosos o que resultou na sugestão de que cada um deveria colocar o que lembrasse. Não interessando se havia prédios altos, casas com terrenos grandes, terrenos baldios, investimentos imobiliários, locais de lazer, de passeios para pedestres nas vias publicas.

Fonte: pesquisa direta: 2012

A questão central – a alfabetização cartográfica – que apresentamos a partir dos resultados da pesquisa inclui a relação entre significantes e significados, ou seja, o nome e o símbolo que representa o objeto real no mapa. Isso significou uma mudança conceitual no que se refere ao tratamento cartográfico, implicando entender a cartografia como uma linguagem própria: a linguagem cartográfica.

O uso dessa linguagem, presente na orientação curricular, contribuirá para a compreensão do raciocínio espacial e da leitura do mundo na medida em que o aluno ao fazer generalizações (significado das palavras), amplia o repertório da leitura e escrita (significante e significado), articulando a linguagem e o pensamento. Esse processo também auxilia o professor a desenvolver atividades voltadas para leitura de mapas e outros gêneros textuais que estimularão imaginação e a memória. Considerando as mudanças que ocorrem nas cidades, por exemplo, a partir do crescimento urbano, a realidade nos mostra um intenso fluxo de transportes, dos meios de comunicação isso implica em entender os lugares não apenas como um ponto no mapa para localizarmos uma determinada cidade, mas por meio da leitura das imagens de satélites, fotos aéreas, mapas e imagens conseguimos ler e entender as mudanças, o que possibilita dar novos significados aos fenômenos e objetos cartografáveis dos lugares de vivência ou os percebido, implica que o aluno tenha condições de elaborar um mapa reconhecendo os lugares e comparando com outros.

Mas para tomar para si a elaboração dos lugares de vivencia é importante que se saiba ler o mapa, reconhecendo os símbolos, compreendendo a hierarquização dos fenômenos representados, comparando as distâncias entre a realidade e a representação, identificando a escala, e percebendo a localização dos elementos representados. Há necessidade, portanto, do aluno ser alfabetizado geograficamente por meio dos conceitos cartográficos Saber ler um mapa é fundamental, mas para isso o professor precisa, também., compreender a distribuição dos objetos no espaço geográfico e, ainda, conhecer a linguagem dos mapas.

Ao se apropriar dos conceitos cartográficos para fazer a leitura e a representação dos lugares onde vive o aluno pode, ainda, fazer descrições e análises da paisagem que estão carregadas de fatores culturais, psicológicos e ideológicos. Ao ler paisagens ou representá-las, o aluno utiliza mais que técnicas de leitura: ele estabelece relações entre os fenômenos analisados com base nas noções cartográficas, caracterizando-se o letramento geográfico, pois ao reconhecer a linguagem faz relações com outras paisagens e lugares, estimulando o raciocínio espacial. Essa é uma dimensão importante em nosso entendimento de educação em geografia, que deveria ser tratada no currículo desde a educação infantil.

A educação geográfica contribui para que os alunos reconheçam a ação

social e cultural de diferentes lugares, as interações entre as sociedades e a dinâmica da natureza, em diferentes momentos históricos. A vida em sociedade é dinâmica, e o espaço geográfico absorve as contradições em relação aos ritmos estabelecidos pelas inovações no campo da informação e da técnica, o que implica, de certa maneira, alterações no comportamento e na cultura da população dos diferentes lugares.

A escolha dos conceitos para serem tratados nos anos iniciais podem ser assim explicados: Grupo - quem vive no lugar, quem são as pessoas o que elas fazem, como elas vivem a sua vida, como moram nas casas em que habitam como vão para o trabalho. Tempo - quais os tempos em que ocorrem os fenômenos no lugar que esta sendo estudado, quais as atividades que acontecem em cada horário do dia e da noite e quais as motivações para que seja assim. Espaço - como é a paisagem que se apresenta aparente nesse lugar, quais são as edificações, porque são deste ou de outro modo, porque existe vias, ruas, avenidas para os carros, como são os lugares para os pedestres.

O importante nesse processo é conhecer a realidade em que se vive. Conhecer a realidade vai além de identificar o que existe, supõe discutir as formas em que se expressa, como se apresenta a realidade, entender não apenas o seu produto. Para tanto o professor precisa considerar o conhecimento prévio do aluno. Esse conhecimento que no mais das vezes é parcelado, que fragmenta a realidade, cheio de "pré-conceitos", carregado de crendices, de folclore. Conhecer a realidade passa a ser, então, um processo de reconhecimento do que existe no lugar, com as devidas explicações para o que acontece e a análise crítica de como se dispõem as coisas.

Esse movimento fornece à análise de qualquer fenômeno, ou mesmo de algum espaço, a diferenciação necessária e a amplitude adequada de tratamento. Supera-se a simples descrição e o tratamento simplório, ao buscarem-se referências mais amplas que permitam entender o fenômeno em uma dinâmica que é da própria vida.

O que buscamos é a compreensão dos conceitos que sintetizem o que está referido significa reconhecer-se como cidadão que têm direitos e deveres ao pertencer à sociedade e reconhecer que nela há diversos grupos sociais; reconhecer que a sociedade tem uma história que é construída por todos; que há um tempo acontecido com diversos fatos que são importantes, tanto para si quanto para conjunto da sociedade; e que vive num espaço que não é dado naturalmente, mas que é construído cotidianamente a partir do trabalho dos homens que ali vivem.

E nunca é demais esclarecer que estudar o lugar não se trata de fazer o elenco das coisas importantes, dos fatos e dos grandes homens, mas procurar

entender a dinâmica do desenvolvimento como um todo e como uma das unidades (a menor) da federação, no Brasil. Não se trata inclusive de estudá-lo separadamente dos demais, isolando-o para ver o que acontece ali, mas de compreendê-lo como a expressão da sociedade no território brasileiro, dados lugar e momento, e assim, verificar como se processa a construção do espaço, como se dão as relações de poder (a partir das esferas nacional, estadual e municipal), qual é o significado da sua organização interna, como se dão as relações entre os homens, enfim, como é construído o espaço e que aparência ele assume.

O desafio é tentar fazer um trabalho interdisciplinar, partindo da realidade que está sendo vivenciada pelo aluno (seja ela próxima ou distante em termos absolutos). Temos neste sentido duas vantagens. Uma delas é o fato de que o aluno tem condições de reconhecer-se como cidadão em uma realidade, que é a da sua vida concreta, se apropriando das informações e compreendendo como se dão as relações sociais e a construção do espaço. A outra é pedagógica, pois ao estudar algo que é vivenciado pelo aluno são muito maiores as chances de sucesso, de se tornar um aprendizado mais conseqüente, tendo um conhecimento significativo para a sua vida.

As investigações realizadas nos permitiram tratar do ensino e aprendizagem dos anos iniciais e educação infantil de uma maneira real, conhecer e tratar da geografia escolar que podem ser desenvolvidos com as crianças nas escolas e a partir dela estimular o processo de alfabetização das crianças bem como o raciocínio espacial.

O levantamento de dados e informações, aliados à observação, são meios de realizar a investigação. Essa deve ser organizada pelo professor e pelos alunos de modo a ser a mais produtiva possível. Porém, na verdade, o aprendizado não será apenas o das informações, mas fundamentalmente, o processo de análise desses dados, além de estimular o pensar, a reflexão, a fazer perguntas e buscar respostas para elaborar outras perguntas e assim tornar a aprendizagem mais significativa.

CONSIDERAÇÕES

Quando se pensa em um projeto na escola para os anos iniciais e educação infantil, deve-se tratá-lo coletivamente e com linhas estratégicas que envolvam o planejamento das aulas mas também as características das crianças. Ao educador cabe reconhecer fundamentos da sua área de conhecimento e ter a "mente aberta" para fazer articulações entre as áreas e a didática. Cabe a ele também ampliar sua formação científica, buscando problemas que fazem

parte do cotidiano das crianças e que podem ser analisados do ponto de vista científico. A escola, no esforço de transmitir conteúdos que passam por constantes mudanças, acaba criando uma caricatura do que vem a ser conhecimento escolar, não conseguindo incorporar nem a realidade.

Uma perspectiva desse contexto é assumirmos, como afirma Arnay (1998: 45) que a cultura científica escolar, no processo de compreensão de um fato social – como é a ciência, faz parte de um momento histórico e social determinado e produz uma série de consequências que afetam os cidadãos, os quais deveriam desenvolver, ao longo da sua escolarização, um conhecimento que lhes permitissem compreender os processos desencadeados pela ciência ao seu redor.

Trata-se, portanto, de estabelecer um espaço intermediário, no qual os processos de ensino traduzem e tornam compatíveis concepções cotidianas implícitas e aspectos conceituais tácitos de maior complexidade, parte dos quais poderiam ser adaptações ajustadas e simplificadas da estrutura histórica e conceitual da ciência, porém, sem oferecer o conhecimento científico como único modelo e meta do conhecimento escolar, como afirma ainda Arnay (1998).

Embora o trabalho na escola tenha como referência básica os saberes científicos, ela é um lugar de encontro de culturas, de saberes científicos e cotidianos. A escola lida, então, com culturas no interior da sala de aula e em seus outros espaços, inclusive nos que estão fora e ao redor dela.

Nessa perspectiva, é condição para a ocorrência de uma aprendizagem significativa não só o modo como ele será ensinado e aprendido, mas como o conteúdo será organizado. Uma proposta didática que contribua para desenvolver o raciocínio dos alunos, integrando as várias áreas do conhecimento e uma compreensão mais critica da realidade é o que estamos buscando. Assim, o professor poderá avaliar o nível de compreensão que os alunos possuem dos conceitos que estão sendo tratados em sala de aula, estabelecendo conexões entre os diferentes lugares, cenários geográficos e as percepções dos alunos em relações a realidade vivenciada

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELOS, E. S. (coord.). *4ª série: identidade e funções no currículo de primeiro grau*. Propostas pedagógico-metodológica. Ijuí: Editora Unijuí, 1990.

CALLAI, H.C.; ANDREIS, A. O tempo em espaço e o espaço em tempo. IN:CARDOSO. F. C.; FUCHS, M. Reflexões sobre espaço e tempo- diferentes contextos. Trabalhos acadêmicos- científicos: Série Educação nas Ciências. Ed UNIJUI. 2011. p.11-23.

CALLAI,H. CALLAI, J.L. Grupo,espaço e tempo nas series iniciais. Espaços da Escola, Ijui, vol.3,n. 11, p.9-18,jan/mar.1994.

CALLAI, H. C., ZARTH, P. *O estudo do município e o ensino de História e Geografia*. Ijuí: Editora Unijuí, 1988.

CASTELLAR, Sonia M. V. *A Cartografia e a construção do conhecimento em contexto escolar*. In ALMEIDA, Rosangela Doin. Novos Rumos da Cartografia Escolar. São Paulo. Contexto, 2011. p.121-136

_____ *Lugar de vivência: a cidade e a aprendizagem*. In GARRIDO P. Marcelo. La espessura do Lugar: reflexiones sobre el espacio en el mundo educativo. Universidade Academia de Humanismo Cristiano. Santiago, Chile. 2009. p 37-56

GERSMEHL, Philip J e GERMEHL, Carol. *Spatial Thinking: werw pwdgogy meets neuroscience*. In Problems of Education in the 21st century. ISSUES in Geographical Education-2011. Scientia Educologica, Lithuania, 2011. p.47 a 65.

ARNAY, José. *Reflexões para um debate sobre a construção do conhecimento na escola: rumo a uma cultura científica escolar*. In RODRIGO, Maria José e ARNAY José. O conhecimento cotidiano, escolar e científico: representação e mudança. São Paulo, Ática, 1998 p. 37-76.

SANTOS, M. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2010.